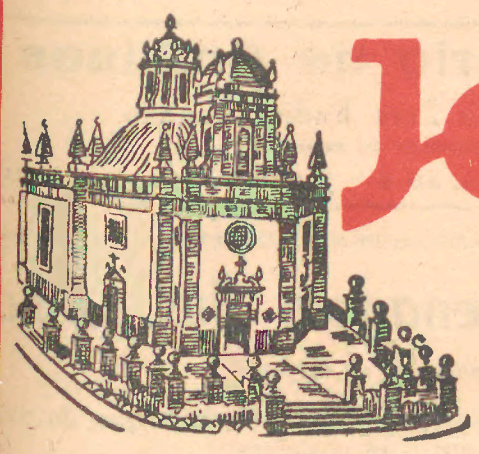
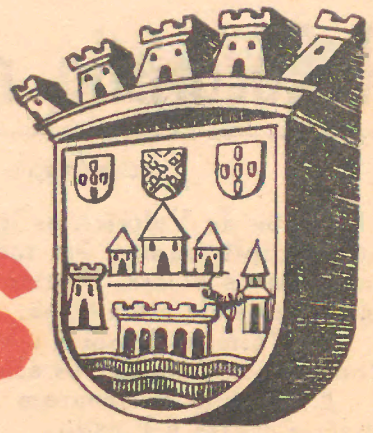
Ano XI — Quinta-feira, 15 de Setembro de 1960 — AVENÇA — N.º 550



Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.e ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO

Director
P.e ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 82451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

A Eucaristia na vida social

Pelo PADRE MANUEL MATOS

SÉRIE A

4 — Paris e as modas eclesiásticas

EMBORA Roma dite os dogmas da Fé, Paris mantém a primazia da «Moda» através dos seus «figurinos».

Quando o «costureiro» de Ferney, refiro-me a Voltaire, invectivou contra a Igreja, tornou-se no «rei da opinião no século XVIII» e conquistou «o título de patriarca da filosofia moderna».

De Maistre diz dele: Sodoma banira-o, mas Paris coroou-o.

O velho ímpio e devasso atingiu o cúmulo das honras quando atirou aos ventos esta frase: daqui a vinte anos Deus está vencido.

Ignorava, porém, que daí a vinte anos—dia por dia—o «Deus vencido» pedia-lhe contas da sua vida.

Referindo-se à sua morte, o médico Tronchim escreveu: «seria para desejar que os nossos filósofos tivessem presenceado os seus remorsos e desespero. É a lição mais salutar que poderiam receber os que ele pervertera por seus escritos».

Pois este ímpio, um dia, encheu-se de coragem e foi-se confessar. Era o regresso fugaz aos tempos de menino e moço, passados num colégio do Jesuítas, em Paris, onde recebera educação.

Pecados? Devassidão e roubos pelos quais esteve na cadeia.

Foi comungar e fê-lo com grande ostentação. Mas a sua conversão foi efémera. Às alegrias dum crente preferiu a glória dum incrédulo. E de Ferney mantinha ele uma vasta conspiração contra o Evangelho.

Era a moda. E a moda pegou e chegou a Portugal.

As irreverências do Marquês de Pombal para com a Igreja são cópia fiel do figurino francês.

Talvez que Sebastião José de Carvalho executasse com mais prontidão a ordem de Francisco Maria Arouet — Voltaire, quando dizia a Damilaville: atacai a infame. O que me interessa é o seu aviltamento.

(Continua na página 2)

Uma Homenagem Justíssima

Pelo DR. ARNALDO DE AZEVEDO PINTO

SEJA qual for o rumo que o destino nos reserve, e embora a prosperidade acompanhe os nossos passos, a recordação da terra onde nascemos, ocupa sempre o primeiro lugar. Este sentimento, que nunca deixa de ser vigoroso e sincero, mereceu, de Georges Duhamel, em «Mon Europe», o acertado comentário: «Nul donte possible, la patrie é este le pays aù nons avous passé notre enfance, éprouvé nos premières émotions, subi nos premiéres joies, savouré nos premiers revers». Que interessam, aos que andaram afastados do convívio preferido, os progressos que possam encontrar, os prodígios da arte, se deixam de rever a natureza espontânea, do recanto que lhes enfeitiçou a infância? Nenhuma ventura se pode comparar ao aconchego da cazinha modesta, ao calor da lareira, à ternura duma família cristã, àquela generosa presença da mulher que embalou, com arroubo materno, a manifesta fragilidade do nosso berço.

Nem só, lutando, de armas na mão, contra os inimigos da Pátria, contribuimos para a integridade do território nacional.

Fazemos, de igual modo, a sua defesa, apontando o que ela apresenta digno de apreço, procurando fazer a apologia

(Continua na página 2)

Estatuto do Trabalho Nacional

Por motivo da passagem, no próximo dia 23 do corrente, do XXVII Aniversário da Promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional e, ainda, do III da instituição das primeiras Corporações, realizam-se em Lisboa várias cerimónias às quais presidirá o Snr. Ministro das Corporações e Previdência Social.

Entre outras Comemorações haverá uma missa solene, às 10,30 horas, no histórico Mosteiro dos Jerónimos e, às 14 horas, um almoço de confraternização na Colónia de Férias «Um Lugar ao Sol», na Costa da Caparica.

Pelo grande significado que têm estas Comemorações é de esperar uma grande afluência, ultrapassando já o milhar o número de individualidades inscritas.

—)(—

A arte moderna em Portugal

Sob este título a Emissora Nacional radiodifundiu uma série de seis palestras culturais do nosso ilustre colaborador Snr. Joaquim Sellés Paes de Villasboas.

Segundo nos consta em breve será radiodifundida outra série do mesmo autor.

—)(—

24 moradias

Na passada segunda-feira, a Fábrica Barcelense, fez entrega na Caixa Sindical de Previdência do ante-projecto para a construção de 24 moradias para o seu pessoal, na nova artéria que vai ser aberta próximo do Campo 28 de Maio.

Oxalá que outras empresas e entidades tomem iguais iniciativas para assim se principiar a debelar a crise da habitação bem premente na nossa terra.

—)(—

Farmácia de Serviço

No próximo domingo, encontra-se de serviço permanente, a farmácia ANTERO DE FARIA, no Largo Dr. Martins Lima.

Carta da Capital

Meu mt.º Rev. Amigo:

Acabou-se o viver entre a mesa de quatro tábuas de pinho, simplesmente aparelhado, e a cadeira de lona poisada a cinco metros de distância, se tantos eram.

Em verdade bem poucos metros precisa o homem para viver e repousar.

O ver ao longe repousadamente uma paisagem que se não modifica; o fixar os olhos numa distância que se não altera; o acompanhar a natureza num crescimento que se sabe e percebe mas que se não vê, olhando hora a hora; o apreciar o passarito de hoje igual ao de ontem, é, ao fim e ao cabo, aquilo que repousa os olhos, os nervos e o coração do homem.

Desde o nascer do sol até tocar para as almas a natureza, a vida, mostra-se-nos tal qual é.

Aqui é tudo, quanto o não é lá: ao longe, que é sempre perto, não são os nossos olhos nem o horizonte quem nos limita, mas o vizinho, a frente da sua casa para a frente da nossa, que não é nossa, ou as traseiras das casas frente às traseiras; um ponto que se fixa é sempre igual àquele que se não olha.

O homem desaparece, não existe no meio chamada multidão que enche, logo manhã, os meios de transporte: não é gente, são empregados.

Por revoadas se vive, em revoadas se vegeta e se luta. Revoadas nos transportes e no encerrar do comércio; revoadas nos cafés, findo o almoço, e ao fim da tarde, nos cinemas e teatros.

As horas na rua alternam-se com as passadas em casa.

Vivemos emprestados e vivemos de cedências: cedem o lugar no passeio e no carro eléctrico, na mesa do café, e no ar que respiramos, respirado pelos outros, pelas casas e pelos automóveis.

As árvores não existem por ser lugar delas: existem como o coração num corpo ou os pulmões; existem por fazerem falta.

A cidade é exactamente tudo aquilo que, felizmente, não o é a aldeia: nesta vive-se, e aqui luta-se por uma nesga de sol.

Um café que encerra é um mundo que se destroça, um povo de nómadas que se desloca e se espalha por outros cafés.

A vida aqui já não comporta o jardim na casa do mais rico.

Parece que as sardinhas não poderão mais viver no mar mas em latas, empilhadas, rabo com cabeça para mais caberem.

(Continua na página 2)

CEGUINHA

Nunca viu nem o sol duma alma ardente
Nem a luz misteriosa do luar...
Nunca sentiu, deliciosamente,
Dentro do peito o coração cantar...

Nunca pôde escutar a voz fremente
Dum outro coração a conjugar
Dentro dum peito amigo, docemente,
Os vários tempos do seu verbo amar...

Nunca sonhou viver duma outra vida,
Na fusão d'almas que o Destino uniu
E que dentro de si têm a guarida

Que a ceguinha não vê nem pressentiu...
Mas onde a vida é sempre revivida
Na luz dum sonho que se usufruiu!

Ivalda

A Eucaristia na vida social

(Continuação da página 1)

À voz de Voltaire, os livres pensadores, diz Condoscet, multiplicaram-se em todas as classes da sociedade e em todos os países. Formou-se em toda a Europa uma liga, de que ele era a alma.

Se Voltaire demolia o velho edifício social por cima, Rousseau minava-lhe os alicerces.

E os dois incarnaram a luta simultânea contra a Igreja e contra o Estado.

Também cá em Portugal as ideias dos liberais são efeito do figurino francês.

Enfim... Paris ditou sempre a moda na corrupção das ideias, na anarquia dos valores sociais, na luta contra o Evangelho.

É a sua sina.

Porém... também de lá vem muito de bom. E longe iria se me detivesse a demonstrá-lo. Quero sòmente referir-me a umas «modas» muito engraçadas que encontrei em Paris.

Uma, na Igreja de Santo Agostinho e outra, na de Santa Maria Madalena.

Naquela encontrei, numa capela, uma lápide comemorativa da confissão de Charles de Toucauldt, após a sua conversão.

Merecia-a, de facto, pois traduz uma reviravolta na alma desse grande homem, a quem a Humanidade deve imenso bem.

A sua obra admirável sobrevive, em beleza, à morte do seu fundador.

Vi, ainda, na referida igreja uma estante com um livro onde os fiéis escrevem as intenções que recomendam às orações dos cristãos.

E, assim, eu li:

Por meu pai que está doente.

Por meus irmãos, ausentes na guerra da Argélia.

Por meu marido, morto em Bien-Fu.

Pela conversão de meu marido.

Pela inocência das minhas filhas.

Pela prosperidade dos meus negócios. Etc., Etc.

Ora cá está uma moda, tão linda, que bom era que chegasse a Portugal.

É certo que, entre nós, é costume recomendar às orações dos fiéis, este ou aquele enfermo, um moribundo, a conversão dum pecador...

Mas lá cada um escreve o que deseja recomendar.

Lembrei-me do dogma do Corpo Místico de Cristo.

Se bem a compreendo, é nele que se inspira a «moda» vista na linda e espaçosa igreja de Santo Agostinho, no coração de Paris: quando um membro da comunidade cristã sofre, é bom que todos saibam e compartilhem o sofrimento.

Assim seja... pelo menos em teoria.

Na Igreja de «La Madeleine» vi o regresso, nos paramentos, ao velho estilo gótico.

A casula actual mais parece as tampas de violões do que coisa digna do ministério sacerdotal, cá entre nós.

A casula gótica realmente dá a impressão duma «veste» e «vestes» se chama aos paramentos.

Em Lourdes, em todas as missas que vi celebrar — umas dezenas quase simultâneas — as casulas eram em estilo gótico.

Que lindo... Lindo e com o sentido próprio: uma veste. Ora as casulas — estilo violão... não são nada parecidas com as casulas romanas e que deram tanto esplendor ao culto cristão, no seu período áureo.

Aceitaremos a moda? Oxalá... Com isso lucraria a beleza litúrgica.

E outro seria o reflexo da «Eucaristia na Vida Social».

Carta da Capital

(Continuação da página 1)

A terra aqui existe para se esconder e dar lugar às casas.

Vende-se tudo, e tudo é preciso comprar.

Sem livros nem jornais, sem uns e outros, sem mais conversas não se pensa, nem se escreve.

Não bastam os nervos que nos enervam; é preciso excitar os nervos que nos vão metendo em pé.

Quando alguém vivendo pelo campo — e Barcelos é o campo — se arremelga todo com pena de não viver aqui, julga, pensa que nesta Lisboa, feira de amostras, se vive vida diferente da que se vive aí.

Vivem os turistas, ou quantos a visitam uns dias, carteira recheada: os outros, nós, os deportados, não.

Procura-se trabalhar para viver ou para não morrer: e é tudo. Olhar, para repousar, não tem possibilidade: quando menos o esperamos ou encontrão ou palavrão chama o filósofo à realidade, e corta-lhe irremediàvelmente o seu solilóquio.

Se isto é viver, meu Rev. Amigo, vou ali e venho já.

Eu sei que há por cá quem saiba muito, quem escreva ainda mais: mas não esqueço que a própria natureza nos deu pássaros para viverem em gaiola, e os que só vivem em liberdade.

Eu, meu Amigo, ainda não entendi a qual das espécies pertenço: e nestes calores infernais, de molhelha ao pescoço, qual mula alentejana atrelada ao carro, ainda me não voltei a integrar nesta vida que me obriga nesta cidade de montras.

Montras nas lojas e montras nas almas: montras onde se mostra e montras em que cada um se mostra o mais possível.

São montras de cada um as montras do Chiado, as portas das livrarias e das casas de chá e dos cafés: onde cada um vai para ser visto que vai.

Se há tantos que escrevem só para se verem reflectidos nos escaparates das livrarias!

Eu não sei, meu Amigo, se me fez bem ter poisado os ossos, cobertos com bastante carne, nesses pertos de Barcelos, e não sei se chega a ser felicidade conhecer a felicidade, por um mês que seja.

A quebra dessa felicidade, rural lhe chamaria se me visse obrigado a classificá-la, torna-me imensamente infeliz.

Sem a família toda, toda, do sangue e dos afectos, sou um pássaro sem asas: na capital sou sempre um infeliz, deslocado e desterrado provinciano.

Tempo que Deus me deu de felicidade e de repouso: colho-lhe aqui, só, nestas quatro paredes, cheias, e sobre esta mesa de castanho minhoto encerado, a tremenda lição e experiência de um parolo na cidade.

E já não é pouco, neste primeiro sábado de Setembro, para lhe mandar com um abraço do que lhe beija a mão e é mt.º amigo

S. P.

Aniversários

FAZEM ANOS:

Hoje — A Snr.ª D. Maria Leonilde Felgueiras Rodrigues e o menino José Manuel Vasconcelos Santos.

Amanhã — As Snr.as D. Maria da Graça Bizarro Duarte, D. Maria Teresa de Faria da Quinta, D. Alice Rodrigues Araújo, D. Dinorah Pereira Siqueira Branco e D. Zélia Martins da Costa Antunes e o Snr. Fernando José Martins Correia de Campos e o menino Joaquim José de Lima Reis.

Sábado — O menino Artur José Queirós de Sousa Basto.

Domingo — A Snr.ª D. Maria Elisabeth dos Santos Oliveira Pinto e o Snr. António Augusto Veloso de Araújo.

Segunda — As Sr.as D. Amália Meira Fontaínhas Graça Faria e D. Maria Pereira, e as meninas Maria José Basto Pacheco Rodrigues e Maria do Carmo Guimarães Carmona.

Terça — As Snr.as D. Judith da Glória Moreira Ribeiro Pereira e D. Maria Cidália de Almeida Rego, os Snrs. Carlos Alberto Veloso de Araújo, António Augusto Vieira Correia e Alfredo Lopes Miranda e o menino José Manuel Vasconcelos Pimenta do Vale.

Quarta — A menina Maria José Freitas de Sousa Basto.

Laboratório de Análises

Dr.ª Maria Fara Padin Brandão

Licenciada em Farmácia

Largo José Novais, 25-2.º — BARCELOS — Telef. 82614

Uma Homenagem Justíssima

(Continuação da página 1)

do espírito de colaboração, da integridade da Língua, do contínuo desenvolvimento dos bons costumes.

O Minho, *pequenino e meigo*, deve imenso a Manuel Boaventura. Andam, de tal modo juntos, que seria impossível afastá-los! Emudecida a Lira admirável do Poeta de Belinho, a ditosa e encantadora província, atinge o pleno desenvolvimento descritivo, na prosa correctíssima do grande escritor de Susão. Ali, no recolhimento das suas propriedades agrícolas, vai escrevendo, ditadas pelo coração, páginas tocantes de realidade. Já, por diversas vezes, o favor da sua estima, nos permitiu passar horas agradáveis, naquele reduto da Inteligência. Hospitaleiro, verdadeiramente franco, logo nos coloca à vontade, e é impossível resistir ao convite para uma merenda, demonstração maravilhosa de quanto valem, as mãos que sabem todos os intrincados segredos culinários.

O vinho verde, inconfundível, que desperta o paladar, começa a cair nos copos... Na sala ampla, da biblioteca valiosa, entre móveis interessantes, cavaqueamos. Depois, atravessado o varandão aberto, característico, percorremos a quinta, tratada amorosamente. Bala de canhão, talvez originária das guerras napoleónicas, serve para ajudar a abrir uma cancela.

Entramos em considerações agrícolas, a água jorra de tanque amplo. Canteiros de crisântemos, tratados com esmero, são a única nota melancólica.

Rodeado de tantas sugestões, o Escritor, vivendo na paisagem que favorece, de modo essencial, a sua tendência, mergulha o seu desejo de análise, na fecunda leiva que o enternece.

Se deslocarmos um indivíduo, tentando modificar-lhe, de modo definitivo, o meio que o prende, apenas conseguiremos atrofiar-lhe o intento, emudecer a sua inclinação.

O Minho, como judiciosamente observou certo escritor françês, encontra-se *num dos polos da civilização rural portuguesa*.

Viveiro da expansão colonial, contribuiu, de modo inigualável, para o triunfo da Língua Portuguesa no Brasil. Às manchas escuras das rochas, sucede a frescura dos vales. O Inverno, embora desapareçam as flores, não consegue vencer o viço verdejante dos campos. São numerosíssimos os policromos aspectos, no decorrer do ano: esfolhadas, vessadas e linhares, romarias animadas, mostruário de trajes formosos, das lindas mulheres que ostentam grossos grilhões de oiro, e calçam chinelas pequeninas e graciosas... Conhecedor profundo da riqueza folclórica, Manuel Boaventura, ampara esta curiosa feição popular outrora, segundo Eça, qualquer autor usava, «genuinos ou fingidos, os punhos de renda de Mr. de Buffon». À preocupação estilística, sucedeu a desordem, o excesso, o desorientado rumo. Júlio Brandão, lamentando a barafunda, comentou: «Agora escreve-se imenso — tudo vai num vortilhão tempestuoso». Desde «O Solar dos Vermelhos», que supomos ter sido publicado em 1909, até agora, decorreram mais de 50 anos.

A idade não venceu o robusto arcabouço de Boaventura. Desenvolto, aprumado, a cabeça protegida pelo chapéu de abas largas, destaca-se, pela simplicidade, pela amável e irradiante simpatia. Desconfiamos que não pertence a alguma «Academia», o que nos parece motivo a destacar. Qual a vantagem de tal distinção, se faz parte, pela integridade construtiva da sua Obra, do número reduzido dos que, sem ajudas alheias, ergueu, um tesouro, que a Nação há-de guardar. Quem, como ele, melhor conhece o Minho, quem soube destacar, da maneira como ele o fez, as suas belezas incomparáveis?

Ouçamos a intenção predominante do Escritor: «Este lindo Minho, onde nasci, está muito por descobrir; e é ainda tão ignorado, que, meus intuitos, são torná-lo conhecido de estranhos e naturais — na sua vida íntima, em seus usos e costumes, na paisagem virgiliana, no vocabulário, na etnografia e nas virtudes e relaxamento de seus habitantes.» Num compreensível movimento de gratidão, os que sabem fazer justiça, resolveram manifestar o seu intenso aplauso, reunindo-se, em fraterno convívio, à volta de Manuel Boaventura. Para que, dessa simpática e afectuosa homenagem, fique recordação que prevaleça, julgamos que devia organizar-se uma «Antologia», destacando as passagens essenciais da Obra do distinto escritor.

Vincadamente bucólico, tão rico de sugestivas influências, enamorado do ambiente acolhedor, que Deus o conserve e ampare, por longos e felizes anos. Confiemos, assim, que novas e delicadas produções brotem da sua sensibilidade apuradíssima, e que a «Literatura Portuguesa» receba herança perfeita, digna de constante e intenso carinho.

Casa da Roupeira — *Setembro de 1960.*

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
Sede — LISBOA
AGÊNCIA EM BARCELOS
Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 82318
Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras

As Louças de Barcelos

O dirigismo contra a liberdade criadora?

ACABAMOS de ler «*Declarações de dois franceses*» neste jornal de 25-8 que nos mereceram muito interesse pela sua importância em relação a esta indústria e arte.

Diz Anny Tual que «*se se pensa em reagrupar, será preciso que os oleiros não precisem de assegurar uma rentabilidade do seu trabalho*». Sim, incontestàvelmente. Não se podem duvidar nem esquecer pormenores deste género numa arte que toda ela é inspiração popular. Não se pode e cremos que nunca foram descuidados estes e têm eles sido assunto de muitos estudos nossos. É preciso que os artistas possam ser sempre artistas e só artistas e com liberdade criadora e de trabalho. É preciso que a organização conduza a melhor e não a pior. Se o que se fizer não for para assegurar melhores condições de trabalho, para melhorar o artista e a sua arte, então onde está a sua razão de ser? Não enxergamos prejuízos para as louças nem para os seus fabricantes na organização que pedimos e defendemos e esta há-de vir, necessàriamente, precedida de gente esclarecida para prever todos os arcanos que nos possam prejudicar. A junção de fábricas há-de ser muito difícil, senão impossível, não pelo prejuízo que pudesse vir a causar (este não o vemos), mas porque os próprios interessados não têm espírito de organização e, muito menos, de união.

Entendemos que o problema foi mal posto a Anny Tual, ou, pelo menos, desviado para um plano que a reorganização não afecta e no qual, se existe problemas, é só por falta de orientação e nada têm de complicado ou a complicar-se com a reorganização. Por sua vez, Anny Tual, o pouco tempo que com ela contactamos convenceu-nos que ela tem grande interesse pelas nossas louças e a sua história, mas alheada dos complexos problemas dos seus fabricantes, o que aliás tem toda a lógica no seu caso, mas não podemos nós alhearmo-nos assim, porque se queremos que esta indústria perdure com toda a sua pureza temos que preocupar-nos com a subsistência dos seus feitores para que estes se não desmoralizem e para que possam viver. Os amantes do folclore para gozarem o prazer espiritual das criações dos nossos artistas não devem querer que estes tenham de comer remédios pelos braços e passar fome pela boca, na expressão flagrante de realismo de Telmo Ferraz.

Não compliquemos problemas já de si tão complicados.

Sim, não podemos engarrafar o folclore. Mas podemos metê-lo num museu bem organizado e podemos dar ao nosso povo uma orientação conveniente para que, ao menos, se não abastarde. Pode dar-se-lhe orientação, entusiasmo e disciplina. E tudo isto e muito mais se pode fazer, quer se reagrupem, ou juntem, ou fundam, ou associem, ou mantenham separados, individualmente, desde que se lhe dê *organização capaz*. Há que ver-se este problema pelos dois aspectos: o etnográfico e o económico, porque um não pode subsistir sem o outro. Aquelas declarações são cheias de intelectualidade e lógica, ninguém o duvida, mas não resolvem nem orientam sobre a crise desta indústria e arte popular. No entanto são conceitos fundamentais a ter em conta e que os orientadores da nossa arte popular não podem desprezar.

M.

Assuntos em São Paulo

BRASIL

Barcelense, ora em visita a Barcelos, estabelecido há 20 anos em São Paulo com Escritório, regressa em fins de Setembro e aceita procurações para tratar de assuntos comerciais ou civis em São Paulo, Santos, Campinas e cidades próximas. — Tratar com F. Duarte — Rua da Madalena, 6 — Barcelos.

Telmo Meira de Carvalho

Como noticiamos no último número, ao princípio da noite do passado dia 5 do corrente, faleceu o nosso prezado amigo e assinante Snr. Telmo Meira de Carvalho, sócio-gerente da importante firma desta cidade Tomaz José de Araújo & C.ª, Sucrs. L.da e sócio fundador da nova fábrica de malhas, também da nossa terra, Torres & C.ª, L.da.

O saudoso extinto que era muito estimado na nossa terra, contava apenas 58 anos de idade, tendo a sua prematura morte causado grande consternação.

Filho da Snr.ª D. Antónia Meira de Carvalho e do Senhor Manuel José de Carvalho, já falecido, era casado com a Snr.ª D. Aida Tavares da Cruz Carvalho, irmão da Snr.ª D. Maria Ofélia Meira de Carvalho Aguiar e dos nossos prezados amigos e conterrâneos Snrs.: Dr. António Meira de Carvalho, distinto médico da Casa de Saúde do Telhal; Alvaro Meira de Carvalho, conceituado comerciante em Viana do Castelo e Manuel Meira de Carvalho, comerciante no Brasil.

O seu funeral, com grande acompanhamento, realizou-se na tarde da pretérita quarta feira, dia 7 do corrente, do Templo do Senhor da Cruz para o cemitério municipal onde ficou sepultado em jazigo de família.

Incorporaram-se quase todo o Corpo Activo dos Bombeiros de Barcelinhos, um piquete dos Bombeiros de Barcelos, diversas Confrarias, pessoal superior, operários e operárias da «*Fábrica Tor*» e centenas de pessoas de todas as camadas sociais.

A urna coberta com a bandeira do Corpo Voluntário de Salvação Pública Barcelinense de cujos Corpos Gerentes o saudoso finado fazia parte, foi transportada num dos prontos socorros da mesma Corporação.

Organizou-se um único turno, constituído por Irmãos da Santa Casa da Misericórdia e levou a chave o cunhado do extinto Snr. Francisco Xavier Marinho de Aguiar, considerado comerciante da nossa terra.

Pessoas amigas e operários da Fábrica Tor eram portadores de grande número de lindos ramos de flores naturais, com sentidas dedicatórias.

Jornal de Barcelos envia a toda a família enlutada as suas mais sentidas condolências.

Nesta Redacção

A apresentar cumprimentos de despedida, esteve na nossa redacção o nosso amigo e conterrâneo Snr. Manuel da Silva Fins que regressou aos Açores depois de ter passado uma temporada de férias, nesta cidade e junto da sua família.

Agradecemos.

ALTO-FALANTES
Prefiram sempre a
CASA SOUCASAUX
TELEFONE 82345
Fotografias — Rádios — Oculos
Artigos fotográficos, etc.
BARCELOS

No Parque da Cidade

O Conjunto Musical Oliveirense, de Oliveira do Douro, Vila Nova Gaia, agrupamento recreativo e cultural, realizou, no passado dia 28 de Agosto, o seu passeio anual, visitando diversas terras do norte do país.

Os excursionistas, associados e pessoas de família, em número de algumas centenas, visitaram a nossa cidade onde chegaram a meio da tarde desse dia.

No coreto do Parque da Cidade a Tuna desse agrupamento musical deu um concerto que deliciou os seus associados e muitos dos frequentadores do Parque.

Os excursionistas retiraram da nossa cidade ao princípio da noite, muito satisfeitos com as deferências que lhes dispensaram.

ÁGUAS SANTAS DO VIMEIRO
em garrafas e garrafões
Distribuidor em Barcelos e Esposende
CAFÉ BAR-CELOS
21 — Rua Faria Barbosa — 23
Telef. 82610 — BARCELOS

Não quebre a sua cabeça à procura de um presente.
Visite a
Ourivesaria Milhazes
Filial: Rua D. António Barroso
BARCELOS
Sede: Rua 5 de Outubro, 35
PÓVOA DE VARZIM

Externato «D. António Barroso»
(SEXO MASCULINO)
Campo de S. José — Telefone 82511 — BARCELOS
ENSINO MINISTRADO
Curso Primário: Segundo os programas oficiais desde a 1.ª à 4.ª classe e admissão ao Liceu e Escola Técnica.
Curso Liceal: Curso geral dos Liceus (1.º e 2.º ciclos).
Matrículas: Efectuam-se de 31 de Agosto a 14 de Setembro
Alunos internos e Semi-internos — Lar de S. José — Quinta do Rio
Telefone 82582
INFORMAÇÕES — Todos os dias úteis na Secretaria do Externato D. António Barroso ou na Quinta do Rio.

«Lar de Santa Filomena»

RUA DA BARRETA, 11 — **BARCELOS**

Internato e semi-internato para meninas e senhoras.

Sala de estudo vigiada por professoras.

Dão-se informações todos os dias úteis na

Rua da Barreta, 11 e na Rua Gomes Freire, 46

Telefone 82589

Notícias da Franqueira

Romagens

Em romagem a Nossa Senhora da Franqueira veio de Fão, a pé, um grupo de pessoas. Amiúde se vêem no Santuário romeiros de Fão, onde a Virgem tem muitos devotos.

— Aqui veio também uma romagem, com 41 pessoas, de Aguçadoura — Póvoa de Varzim, concelho também devoto de Nossa Senhora da Franqueira.

Casamento

No dia 3 de Setembro, o Snr. Oscar da Silva Carvalho e a Professora D. Maria Luísa Gonçalves Pereira, consorciaram-se sob o auspicioso olhar de Nossa Senhora da Franqueira, Mãe dos Barcelenses.

Santuário Eucarístico

À missa dominical, celebrada todo o ano, às 10 horas, continua a frequência à sagrada comunhão. Tornou-se assim eucarístico o Santuário da Franqueira.

Impedimentos

É impedida a entrada no Santuário aos cavalheiros em mangas de camisa e às senhoras de vestidos decotados, demasiado transparentes e excessivamente cingidos.

— Na Franqueira são total e permanentemente proibidos os jogos, as danças e os descantes profanos.

Baptizado

Na Igreja Matriz, na tarde do último sábado, baptizou-se um filhinho do nosso prezado amigo Snr. Júlio Torres Matos e da Snr.ª D. Maria Isolete da Silva Matos.

O neófito recebeu o nome de José Júlio e foram padrinhos os primos paternos o nosso prezado amigo Sr. Francisco Duarte Carvalho e esposa Snr.ª D. Maria Lucília Figueiredo Torres de Carvalho.

Finalmente surgiu

Laranjina «C»

Refresco de sumo de laranja 100 % puro-natural com vitamina C.

Manuel Monteiro de Carvalho

MÉDICO

Consultório: Campo 5 de Outubro, 14

Consultas das 15 às 18 horas

Telefones { Consultório 82325 / Residência 82609

BARCELOS

Notícias diversas

Na freguesia de Soutelo, concelho de Vila Verde, em gozo de licença, encontra-se o nosso prezado amigo Sr. António de Carvalho de Sampaio da Cunha Pimentel, gerente da Dependência de Barcelos do Banco N. Ultramarino.

— Na sua propriedade de Rio Covo-St.ª Eugénia, na companhia de sua esposa e filhas, encontra-se o nosso estimado amigo Snr. Dr. José da Graça Faria Júnior, Chefe da Secretaria Notarial.

— Partiu para Lisboa, em gozo de férias, acompanhado de sua esposa e filhinho, o nosso prezado amigo Snr. Raul Pereira Lourenço, gerente da Agência desta cidada do Banco Pinto & Sotto-Mayor.

— Na freguesia de Lijó, com sua esposa e simpática filha, encontra-se o nosso estimado colaborador Snr. António Gomes de Faria.

— Na sua propriedade de Vila Frescainha-S. Martinho, com sua esposa, a passar a época de verão, encontra-se o nosso prezado amigo Snr. Manuel de Sousa Martins.

×

A ponte de Barcelinhos

A Junta Autónoma das Estradas, por motivo de segurança, segundo nos informam, ordenou restrições ao trânsito de veículos na ponte sobre o Cávado em Barcelinhos.

Como é do conhecimento geral, já há anos que se reconheceu que a ponte em Barcelinhos não satifaz, em condições satisfatórias, ao trânsito de veículos.

Assim, a restrição do trânsito agora em vigor, para os barcelenses, e até para a região minhota, é motivo de grandes e graves preocupações.

Fazemos votos que o motivo que deu origem a essas restrições desapareça o mais breve possível e que a construção da nova ponte sobre o Cávado também não se faça esperar.

Vida Desportiva

Campeonato N. da II Divisão

Principia no próximo domingo a disputa do campeonato nacional da II Divisão.

O grupo barcelense sem ainda poder apresentar em campo, com a sua equipa devidamente estruturada, vai ter tarefa difícil no seu primeiro jogo com a forte equipa do Beira Mar, de Aveiro.

Todavia, apesar do valor da equipa visitante e do onze barcelense não apresentar ainda o seu melhor, confiamos no brio dos atletas que defendem as cores gilistas.

O campeonato nacional da II Divisão que no domingo se inicia, é um campeonato longo e difícil.

É preciso que todos os desportistas, bem unidos, dêem o maior auxílio e a melhor colaboração à direcção do Gil Vicente para que a presença do representante barcelense na disputa do campeonato da II Divisão seja bem notória.

Muitas felicidades e os maiores êxitos, são os nossos votos.

Futebol

No Campo Adelino R. Novo, no próximo domingo, o Gil Vicente, defrontar-se-á com a forte equipa do Beira Mar, representante da cidade de Aveiro.

A equipa visitante que entra neste campeonato com grandes aspirações, segundo nos informam, encontra-se em apurada forma.

— No domingo, em retribuição de visita, o Gil Vicente F. Clube deslocou-se a V. N. de Famalicão, onde se defrontou em desafio-treino com a equipa local, tendo vencido por 4-3.

— A Direcção do Gil Vicente, para reforço das suas equipas de futebol, fechou contrato com mais dois jogadores — João Mendonça, do Vitória de Setúbal e Faneco, do Leixões.

— No próximo mês, para fazer face às grande despesas do Grupo com as aquisições de novos jogadores, vai iniciar-se um sorteio.

Bom é que todos os barcelenses correspondam a tal iniciativa para assim se poder aguentar o Grupo.

Pedido de casamento

A Snr.ª D. Maria Correia Oliveira da Cunha, viúva, e seu irmão, o Snr. António Donato Correia de Oliveira, no passado dia 9 do corrente, pediram em casamento, para seu filho e sobrinho, o nosso prezado amigo Snr. Jorge Oliveira da Cunha, a nossa gentil conterrânea Snr.ª D. Maria Avelina Fontaínhas G. Faria, filha querida do nosso estimado amigo Snr. Dr. José da Graça Faria Júnior e da Snr.ª D. Amália Fontaínhas da Graça Faria.

O enlace realizar-se-á brevemente.

TOME VITAMINA, BEBENDO

Laranjina «C»

Não contém corantes nem produtos sintéticos

Distribuidor em Barcelos e Esposende

CAFÉ BAR-CELOS

21 — Rua Faria Barbosa — 23

Telef. 82610 — BARCELOS

Casamentos

No Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, no passado sábado, dia 10 do corrente, o nosso prezado amigo e conterrâneo Snr. Vasco Maria Matos da Costa, empregado bancário, filho do nosso amigo Snr. Acácio Cândido Gomes da Costa e da Snr.ª D. Maria Amélia Matos Machado, realizou o seu casamento com a Snr.ª D. Maria Helena da Silva Dias Pinheiro, professora oficial, gentil e querida filha da Snr.ª D. Maria Fernanda Cardoso da Silva Dias Pinheiro e do Snr. Fausto Dias Pinheiro, já falecido.

Presidiu à cerimónia do casamento o Rev. Prior de Barcelos, Padre Alfredo Martins da Rocha que, no momento próprio, dirigiu aos noivos uma eloquente prática sobre o grande sacramento que acabavam de contrair.

Houve missa «*pro sponso et sponsa*» e foram padrinhos do noivo seu pai e a irmã da noiva Snr.ª D. Maria Virgínia da Silva Dias Pinheiro e da noiva, seus tios, Snr. Amadeu Teixeira da Costa e Snr.ª D. Maria Lídia Dias Pinheiro.

No final da cerimónia religiosa aos noivos e convidados foi servido um fino almoço fornecido pela conceituada Confeitaria e pastelaria bracarense a «Benamor».

Aos brindes, num brilhante improviso, o nosso estimado Director, Rev. Alberto da Rocha Martins, fez o elogio dos noivos.

Os noivos partiram em viagem de núpcias pelo alto Minho e fixaram residência em Barcelinhos.

— No Santuário de Nossa Senhora de Fátima, na Cova da Iria, no passado dia 3 do corrente, a nossa conterrânea Snr.ª D. Maria Laura Fernandes de Carvalho, hábil Parteira-Enfermeira na Maternidade da Covilhã, filha da Senhora D. Glória Fernandes de Carvalho e do Snr. Alberto Cândido de Carvalho, já falecido, celebrou o seu casamento com o Snr. Carlos Neves Mendes, funcionário público, natural de Coimbra.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a Sr.ª D. Maria Angelina Costa Santos e marido o Snr. Major-médico Dr. Pedro Rocha dos Santos, Director do Hospital Militar de Coimbra e clínico no Instituto Maternal da mesma cidade e por parte do noivo a Snr.ª D. Maria Adelaide de Sousa Trindade de Campos e seu marido Snr. Aires Coimbra de Campos, de Coimbra.

Na Pensão das Dominicanas Portuguesas de Fátima, no final da cerimónia religiosa, foi servido um fino almoço aos noivos e convidados.

Aos brindes, diversos convivas saudaram os noivos e puseram em destaque as suas boas qualidades.

Jornal de Barcelos deseja aos novos lares católicos agora constituídos as maiores felicidades.

Falta de água

Nesta cidade, a falta de água, continua a flagelar os barcelenses e de cada vez com mais intensidade.

Conhecemos duas famílias que nas suas residências, nem de noite e já há dias, não cai gôta de água.

Sabemos que o Snr. Presidente da Câmara vai enfrentar, com decisão tão grave problema.

Todos os barcelenses reconhecem a necessidade e urgência da resolução de tão importante e grave problema e fazemos votos que as dificuldades actuais também se possam remediar ou pelo menos atenuar.

Assalto e roubo

Nos primeiros dias do corrente mês foi assaltada de noite a Quinta do Olhal, do Snr. Dr. Joaquim Paes de Vilas Boas, em S. Martinho de Vila Frescainha. Por activa diligência da G. N. R. foram apreendidas 1.080 maçãs, parte do roubo de frutos. Os arguidos foram enviados a juizo.

Em vista da frequência de furtos e roubos em propriedades agrícolas, o Grémio da Lavoura, segundo nos informam, solicitou da Câmara uma postura igual a uma que desde 1958 vigora em Vila Nova de Famalicão com patentes resultados benéficos.

Visado pela Censura

A Capela de Nossa Senhora da Cadavosa de Cossourado

(Continuação da página 6)

Nada havia a esperar que a reacção natural dos habitantes da freguesia e do Rev. Pároco, P.e Américo Teixeira a quem todos tanto estimamos e veneramos pelas suas grandes e irrefutáveis virtudes sacerdotais.

O Snr. Francisco Queirós Esteves pretendeu fechar as portas à capela e não permitir que ali se realizasse a festa deste ano a não ser que os festeiros e até o próprio pároco se subordinassem a certas determinadas condições.

Isso não agradou a ninguém e veio mesmo agravar a situação.

Com geito e diplomacia, a festa fez-se e foi até uma das maiores dos últimos anos. Porém a pergunta sacramental não deixou de andar de boca em boca: de quem é a Capela?

E o povo não se conforma com a ideia de que essa capela (onde tantas vezes vai implorar protecção à Virgem, como já o fizeram os seus antepassados dos tempos dos nossos primeiros reis e os transeuntes que por ali passaram na estrada romana) fosse do Snr. Sargento Francisco Queirós Esteves. A corroborar a tese de que sempre foi pública, a Sr.a D. Maria Alves Barbosa conta que há mais de cinquenta anos ouviu à sua sogra, Francisca Pereira Grilo, mãe do prof. Fernando Pereira Grilo, já falecido, que aquela capela já servira, noutros tempos, de igreja paroquial, com um cemitério próprio pois que escavando num terreno próximo, que ainda hoje se chama terra de Santa Maria, chegou a encontrar ossadas humanas.

O Snr. Francisco Rodrigues Rosas, homem que está prestes a atingir os 80 anos, narrou que o velho José Amorim Caridade pretendeu vedar o terreno contíguo à Capela, envolvendo esta, mas a mãe do Prof. Fernando Pereira Grilo, vizinha mais próxima de Nossa Senhora da Cadavosa, intentou contra ele uma acção judicial. Houve grande questão e até vistorias *in loco* (disto ainda se lembram o meu pai José Rodrigues Caridade, o Snr. António Martins Baptista e o narrador deste facto) e a verdade é que o José de Amorim Caridade perdeu a questão e teve que deitar as paredes abaixo.

Só isto já devia constituir elemento de prova bastante para demonstrar que a capela sempre foi pública, mas vamos a provas mais concludentes.

Os meus amigos e conterrâneos Snrs. Francisco Maciel Barbosa e Domingos Ferreira da Costa sabendo da minha intenção de ir a Lisboa no passado mês de Agosto, pediram-me que fosse ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo a ver o que lá existia a respeito da Capela de Nossa Senhora da Cadavosa. Acedi de boa vontade ao pedido dos meus amigos por se tratar de um assunto que directamente diz respeito à minha terra natal.

Uma vez lá, pedi as informações paroquiais que foram dadas em 1836 e em 1858 pelos abades, priores, curas e vigários de todas as freguesias do reino que consistiam em respostas articuladas a um minucioso questionário elaborado pelo oratoriano P.e Luis Cardoso que obteve patrocínio do Estado e dos Bispos.

O P.e Luís Cardoso com os dados colhidos em 1836 organizou o «Dicionário Geográfico» que ficou incompleto devido ao terremoto de 1755 que juntamente a outros escritos de grande valor histórico destruiu todas as informações paroquiais, escapando apenas as que já estavam impressas, ou seja o 1.º e 2.º volumes publicados respectivamente em 1747 e 1752 que continham as povações que começavam pelas letras A, B, e C. O P.e Luís Cardoso, sem desanimar, em 1758 solicitou aos párocos novas informações, mas veio a falecer em 1769 sem coordenar esses elementos que ficaram amontoados e dispersos. Mais tarde esses elementos foram coleccionados em livro próprio conservando-se a maior parte deles ainda inéditos.

Ora foram esses manuscritos que eu solicitei para ler, estudar e tomar apontamentos. As informações da freguesia de Santiago de Cossourado encontram-se no Volume 12, n.º 404, folhas 2783. Essas informações, que ocupam 16 páginas, estão datadas de 25 de Maio de 1758, assinadas pelo Reitor Luís da Costa Teixeira, Abade Domingos Vaz e Vigário *João* Barbosa Machado.

Achei tão interessante esse documento que logo requeri um treslado integral que conservo em meu poder e entregarei a seu tempo ao arquivo paroquial. Fala de muitas coisas da freguesia, mas vamos reproduzir o que respeita à Capela de Nossa Senhora da Cadavosa. E reza assim o artigo treze: «*Há no districto desta freguesia cinco capellas: a saber a de Nossa Senhora da Cadavosa, que foi antigamente Paroquial Abbadia com o título de Santa Maria da Cadavosa, e por tradição se conta que hum Abbade della (outros dizem que hum heremitão) no tempo da invasão dos mouros fugira levando a imagem da virgem santissima e se ocultara nos montes de Bouro para as partes do Girez onde falecera fasendo vida eremitica, ficando a devotissima imagem naquelas brenhas onde dipois fora descuberta por disposição do eco, e fasendo muitos milagres se lhe edificou hũ sumptuoso templo onde se venera com o título de Nossa Senhora da Abadia, e he hũa das mais celebres romarias deste Reyno, e são seus administradores os Religiosos de S. Bernardo do Convento de Bouro; os quais são direitos senhores de hum praso junto a mesma capella, cujas terras erão passal dos Abbades daquela igreja de Santa Maria da Cadavosa e dentro de hũa tapada do tal praso junto a capella estão os vestigios das casas de residência do dito Abbade e os pessueiros (possuidores) do dito praso são administradores da capella*».

Pelo exposto fica inteiramente demonstrado que a capela de Nossa Senhora da Cadavosa nunca foi particular e a sua administração (e não posse) pertencia aos possuidores dos seus prazos.

E por hoje termino esperando continuar em breve com outro artigo que talvez venha a causar maior sensação, a não ser que entretanto a posse da capela passe para a Fabriqueira de Cossourado.

Setembro de 1960.

Nem Confusões... Nem Misturas...

(Continuação da página 6)

te artesão, em regime familiar caseiro, foi chamando, numa ampliação de trabalho, jornaleiros.

Maior produção e maior venda. Veio a colecta, a exploração do operário. Eles quiseram ser industriais e aplicou-se-lhe a lei. Veio a concorrência de vária espécie; em muitos a desorientação e em todos continuava a incultura e a incapacidade — mental e material — de se transformarem em industriais.

Como artigo popular viveu: desejou ser produto industrial... suicidou-se.

A grande inteligência da Suisse é que o popular continua a ser... artezanal.

Vê o meu Amigo M. como mistura alhos com bugalhos, e como se meteu num beco sem saída?

Lute, que mesmo na luta inglória há o gosto e o gozo da luta.

E, pelo que quero a Barcelos, julga que não tenho pena?

A pena não a posso provar: do muito que quero a Barcelos creio que ninguém o duvida.

ÁGUAS MINERO MEDICINAIS
VIMEIRO
Aparelho digestivo, Fígado, Rins, Bexiga e Pele.
Auxiliam a digestão.
Beber água do VIMEIRO é defender a saúde.

Notícias de Fragoso

Principiaram as vindimas nesta freguesia, pelo que devido ao maravilhoso tempo que está a decorrer se nota muita animação em toda a população local. Quanto a estes serviços é para lamentar não serem tomados em certa consideração, pois acontece frequentemente serem as uvas colhidas em atrazado estado de maturação. E o que se verifica depois? Além de um vinho com péssimo paladar, subsiste ainda a agravante de logo que chega Abril e Maio este precioso líquido se transformar numa autêntica mixórdia. Estava certo que se começasse a colher as uvas pelos sítios sêcos e altos, mas tudo a eito...

Em quantidade o ano vinícula apresenta-se auspicioso, mas quanto ao principal, que é a qualidade, depois se verá, mas as perspectivas são no entanto animadoras.

— Em gozo de merecidas férias encontra-se entre nós o nosso conterrâneo Snr. Luciano de Sá Neiva, funcionário da Pecuária, em Viana do Castelo.

— Vindo de S. Paulo (Brasil), esteve há dias nesta freguesia de visita a sua família e amigos, acompanhado de sua esposa, o nosso querido conterrâneo Snr. Carlos Martins D. da Cruz.

— Depois de passar aqui cerca de um mês, retirou para França, onde há muitos anos se encontra, o nosso dedicado amigo Snr. Manuel Gomes.

— Vai obtendo sensíveis melhoras, o que gostosamente registamos, o Snr. Joaquim B. Martins, membro da Junta e que como o nosso Jornal oportunamente noticiou, foi submetido a melindrosa operação numa casa de saúde do Porto. Que em breve regresse para junto de sua família e amigos são os nossos sinceros votos.

— A passar alguns dias encontra-se aqui a Snr.a D. Ana Júlia Morais Arriscado de Carvalho, assim como seus queridos netos Sr.a D. Ana Júlia Arriscado Gomes Amorim e o Snr. Eng. Luís Palhares Delgado.

A suas Ex.as os nossos cumprimentos.

— No seu Solar da Espregueira, desta freguesia, com sua esposa e filhos, encontra-se o Snr. Engenheiro Bernardo da Rocha Páris Espregueira.

— Faleceram: no lugar da Ponte, Bernardo de Sá Elias, de 33 anos, solteiro, jornaleiro; no lugar da Mámua, Basílio Gonçalves Carvalho, de 43 anos, casado, lavrador-caseiro; no lugar da Costa, João Martins Neiva, solteiro, irmão do Snr. Sebastião Martins Neiva, ausente no Brasil. Pêsames às famílias.

C.

COLCHÕES MOLAFLEX
10 anos de garantia provam a sua eficiência
MÓVEIS TELES
BARCELOS

Alto-falantes
Para abrilhantar as vossas Festas prefiram sempre a Casa
José Fernandes
R. Miguel Miranda, 40 — BARCELINHOS
Telefone 82245
BARCELOS
Fotografia em todos os géneros

BOBINAGENS DE Motores Eléctricos
Domingos de Jesus Ferreira
Residência: Rua Faria Barbosa, 26
BARCELOS

Miranda de Andrade
ADVOGADO
Mudou o seu escritório para: Rua Direita, n.º 121.
TELEF. { Escritório / Residência } 82248

Máquinas de costura em 2.ª mão
Também tenho máquina ZIG-ZAG «OLIVA» secretária de — uma gaveta, NOVA — vendo com desconto.
Fernando Valério de Carvalho
Av. Combatentes G. Guerra, 158
Telefone 82583 — BARCELOS

NOVA ALFAIATARIA
DE
MARIO VIEIRA
Ex-Empregado do Snr. Eduardo António
Av. Dr. Oliveira Salazar, 24 — 1.º
BARCELOS
(Junto à Casa Sialal)

RELOJOARIA CARVALHO
O Relojoeiro de confiança em Barcelos.
Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

César Ferreira Cardoso
ADVOGADO
Largo D. António Barroso, 9
Telefone 82447 — BARCELOS

Maria Angelina Corrêa
MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS
Consultas das 10 às 12
Campo 5 de Outubro Telefone 82398

QUINTA — COMPRA-SE
Nos arredores da cidade, com estrada e luz eléctrica. Informa esta Redacção.

Nem Confusões... Nem Misturas...

Por SELLÉS PAES

NÃO sem espanto volto à baila; não sem desgosto o faço.

Creio que M. — meu Amigo que muito estimo e meu contraditor, por sua dama — não leu a minha carta ao António Carlos, e que este publicou em «O FANGUEIRO» de 4 de Setembro, carta que completa o meu de aí e 18 de Agosto.

Se não me expliquei... peor para mim.

Não vamos trazer aqui a prioridade do chamamento. Nada se adeanta, e não está isso em jogo.

*

Se, quanto a nós, esse infeliz discurso, que M. acata sem o julgar, tivesse força de Lei, não havia outro remédio se não cumpri-lo.

Eu escrevi, referindo-me ao discurso: «faço-lhe a justiça de julgar que o seu pensamento se referia...»

É que eu estava a pensar no caso em questão, e a pensar no efeito que as ditas palavras, do dito discurso, teriam, com força de Lei.

Pela minha formação — que não implica nem responsabiliza ninguém, a não ser a mim próprio — de português, de católico e de monárquico continuo a afirmar que tal doutrina é anti-social e é anti-económica.

Afirmei-o por o ter concluído por documentos morais e legais: defeito cultural se mais lhe agrada.

Nós não dissemos que M. confundia alhos com bugalhos, mas escrevi não misturemos alhos com bugalhos. Queria eu dizer — ao escrever na primeira pessoa do plural — que M. e eu — os dois tontinhos, com poucos mais, cheios de veleidades quanto a Barcelos e seus problemas e interesses — que nos arriscávamos a não haver entre nós possibilidade de entendimento, por se estar, cada um de nós, a falar em línguas diferentes.

Eu disse não misturemos, pois estavamos a misturar: M. não tem a ousadia de julgar um discurso, que eu verifico ser atentatório dos direitos que a própria constituição Política confere aos portugueses, e é contra a doutrina social da Igreja; M. crê defender a indústria — o que se conclui pelas suas notas — e aceita as instruções — que ainda o não são — sem as discutir, quando, não havendo misturas, as devia discutir para as poder com consciência acatar, salvo, evidentemente se tivessem força de Lei; é legalista em extremo a ponto de aceitar, sem discutir, um discurso a que chama instruções, e lamenta a fiscalização do horário de trabalho e de outras espécies.

Há ou não há misturas de alhos com bugalhos. Procura a elevação do nível da indústria, e fala numa legislação apropriada que a regulamente tal como existe nas indústrias condicionadas.

Qual delas? Há ou não há mistura? Mistura, claro está, no sentido de não perfeita limitação de interesses, que se às vezes se não prejudicam muitas delas se contrariam.

Eu julguei que não ofenderia M. quando escrevi: deste beco em que se debate.

Ao ler os seus escritos, talvez umas dezenas, via-o só, cheio de desejos, procurando chamar a atenção para uma fonte de riqueza concelhia, e podendo-o ser à escala nacional. Ouvi-o a clamar no deserto, sem a mínima agitação nem vantagem, semana após semana.

Conta M. a indiferença, a evolução sofrida, as inevitáveis alterações. Não é um beco, ao menos até hoje, sem saída?

Por outro lado, M. que tanto tem escrito sobre a matéria, até hoje não nos deu qualquer pequenino esboço, ligeiro apontamento da tal organização que seja Organização.

Nem esboço, nem apontamento, nem plano, nem mesmo um leve indício de que saiba qual seria.

Posição cómoda a de se dizer — *Jornal de Barcelos*, 11 de Agosto — que a organização tem de vir da autoridade, tem de vir do Estado.

Do Estado tem de vir?

Então o que anda na mente duma grande parte dos industriais, que nunca cheguei a saber se eram os grandes, os pequenos, os médios, os que fabricam louça branca ou os bonecos ou telhas?

É a mim que se pergunta se é mau caminho a junção das fábricas? Eu respondo que é péssimo: dei exemplos.

Mas os industriais não sabem — e M. é industrial — o que mais lhes convém?

Claro está que não sabem, pela muito simples razão que não são industriais.

Os industriais aumentam as suas indústrias zelando pelos interesses, que são os seus, dos seus operários.

E vem novamente a propósito o caso Pereira Campos em relação à aquisição da fábrica de Viana: só um industrial foi capaz e soube pô-la a trabalhar, fomentando assim riqueza.

Por haver industriais sem industriais é que o Governo teve que impor o salário mínimo, um horário, etc., etc..

E há fiscalização por ainda haver poucos e maus industriais.

Há muitos industriais que nunca precisaram ser fiscalizados, e, se o foram, nada tinham a temer: são os que o são de facto e de direito.

É da falta de organização que se fez em Lisboa o registo do galo, e nenhum dos interessados deu por ela?

Não, meu Amigo M., não creia em milagres todos os dias, nem creia que metendo na terra milho vão nascer batatas.

Em Barcelos foi isto só o que aconteceu: o lavrador, simultâneamente artesão em muitos casos, ou simplesmen-

(Continua na página 5)

Seara Nova

Acaba de se publicar o n.º 1375 com o seguinte sumário:

Castelo Branco Chaves, Comentário; Pedro da Silveira, Apenas um Apontamento; J. Sant'Ana Dionísio, Acerca da Projectada Reforma das Faculdades de Ciências (VII); Álvaro Salema, Breve Reflexão sobre a Atitude Cívica de Manuel Teixeira-Gomes; António de O. Coelho, Teixeira-Gomes, Memorialista e Escritor; Pedro Luzes, Problemas da Adolescência; Câmara Reys, Teixeira Gomes; Teixeira-Gomes, Duas Cartas Inéditas para Câmara Reys.

Artes Plásticas, Livros, Música.

Seara Alheia (Harald Eder); Democracia e Socialismo (P. Mendès-France); Cinquentenário da Implantação da República; De Leste a Oeste (Vasco Martins); Factos e Documentos; Artistas Portugueses (Maria Keil); Artes Plásticas (Ernesto de Sousa); Livros: Notas de Leitura (Alberto Ferreira) e Crítica de poesia (António Ramos Rosa); Música (Maria da Graça Amado da Cunha); Noticiário.

A Capela de Nossa Senhora da Cadavosa de Cossourado

Pelo PROF. SILVÉRIO MARTINS CARIDADE

EMBORA a freguesia de Cossourado não tenha grandes interesses turísticos e motivos de encantar, a não ser o pitoresco do Minho, basta o facto de ter servido de berço do meu nascimento e de ainda lá se conservarem os meus venerandos pais, ambos já octogenários, para eu lhe dedicar grande afeição. Sempre que posso e os meus afazeres o permitem, vou lá, não só para visitar a minha família, mas ainda recordar os tempos idos de quando eu era criança.

Ainda no passado domingo, dia 11, lá me dirigi para assistir à grande festividade em honra de Santa Maria da Cadavosa que se realiza todos os anos na capela do mesmo nome no lugar de Navió.

É uma romaria típicamente minhota e muito do gosto de todos os habitantes de Cossourado, principalmente dos de Navió que dedicam muita fé a Nossa Senhora que se venera naquela capela pequenina de linhas arquitectónicas muito simples, mas que sempre foi o orgulho daquele povo.

Vem a propósito versar um assunto que é de grande interesse para a freguesia.

Comecemos por interrogar: de quem é essa capela? É pública ou particular?

Antes de respondermos convém dizer que o meu ilustre parente, Dr. José Luís Ferreira, figura notabilíssima pelo seu passado fértil no campo do ensino e das letras de quem Cossourado tanto se orgulha de ter como filho, tem escrito neste jornal interessantes e sugestivos artigos relativos à história da freguesia e, falando das suas capelas, ao referir-se à de Nossa Senhora da Cadavosa, disse que ela era pertença do Snr. Sargento Francisco Queirós Esteves, baseando-se, como afirmou, em informações deste senhor.

Isto veio suscitar controvérsias e até certos aborrecimentos por parte de quem se julga ser possuidor e por parte de quem pretende sê-lo, isto é, entre o povo da freguesia e o Snr. Queirós Esteves.

(Continua na página 5)

Cadernos de Manuel Anselmo

Apareceu, agora, o 5.º fascículo dos CADERNOS de Manuel Anselmo. Escrito, nos seus variados assuntos, por este prodigioso escritor. Crítico de estirpe, poeta mavioso, ensaísta arguto, novelista engenhoso, jornalista de garra, Manuel Anselmo é, na verdade, figura destacada no meio intelectual português.

Da sua pena de oiro brotam, como linfa preciosa, páginas imortais, onde a beleza refulge, em clarões etéreos, ao lado da coragem moral, do homem que se levanta para dizer toda a verdade, e, tantas vezes, por temperamento e emoção, é duro quando profliga o erro ou aquilo que para ele constitui descaminho, tergeversação, pusilanimidade ou injustiça... Ainda aqui, no polemista insigne, que reflete os que melhor praticaram este género literário, há beleza, grandeza de espírito, sinceridade alada, veemência de apóstolo, ânsia de ascender à Luz.

Manuel Anselmo não é um castigador sádico... É, antes, um profligador de erros! Podem vergastá-lo, caluniá-lo, denegrir o seu nome, ensombrar a sua vida, Manuel Anselmo será para além do tempo, um grande escritor, um artista e um mártir da pena. Nisto está o seu enorme merecimento que seria injustiça flagrante negar-lhe.

Estas palavras, que escrevemos com toda a sinceridade, para além da grande amizade e admiração que nos ligam ao egrégio escritor, não afirmam, no entanto, omnímoda concordância com tudo o que Manuel Anselmo escreveu neste 5.º fascículo.

Felicitámo-lo, apesar de tudo, por este trabalho que revela uma mocidade de espírito, um sentido real das coisas, uma medida exacta de valores, como expressões do que melhor nos tem dado a pena bem aparada de Manuel Anselmo.

FADO MAU

Tarde ou cedo — tanto valia.
Tinha ao alcance da mão o candeeiro aceso
para as minhas necessidades de rapaz adulto.

Havia paz à hora do crepúsculo...
Sonhos me ungiam de inocente calma...
Nem usava a esperança tules negros...

Eu — mesmo tinha fé em toda a crença
e perdoava ao mau e bom ladrão.

E nos momentos soturnos de furor
erguia uma prece ao Deus que me ensinaram...

Oh que triste cumprir-se um Fado Mau!

A. Filipe